

# MICROSCOPIO

Antes de tudo, é preciso ganhar a guerra, dizem alguns. Nada mais certo. Mas, retrucam outros, é preciso também ganhar a paz. Isto é, mister se faz termine a pugna com uma paz que evite novas guerras. Nada, também, mais evidente.

Perdida a guerra, cairia o mundo na mais terrível barbárie. Ganha ela, mas seguida, alguns decênios depois, de novas guerras, recair-se-ia, não menos certamente, na barbárie. Dilatar-se-ia, apenas, o desastre fatal e irremediável.

Não estão procedendo; pois, com clarividência ou sinceridade, os estadistas que primeiro querem a vitória, para depois cogitar da paz. São elas duas coisas indivisíveis. Valerá a vitória segundo a paz que trouxer. Será a paz o que a fizerem as concepções e sentimentos dominantes por ocasião da vitória. Cindir as duas coisas, o mesmo é que não querer nem vitória completa, nem paz verdadeira.

Enquanto dura a guerra, com as suas tremendas devastações materiais e morais, não há quem lhe não tenha horror. E' o momento psicológico para a regeneração do mundo. Terminada a luta, vai-se a impressão atenuando, vão ressurgindo os interesses criminosos e os sentimentos mesquinhos, surge desassombrado o orgulho dos vencedores e acabou-se: lá se foi, mais uma vez, a grande oportunidade. A paz, portanto, se a querem completa e verdadeira, deve ser delineada, não depois da vitória, mas durante a guerra.

Ainda aqui está a razão, não com os homens que se dizem práticos e positivos, porque não sabem andar senão pé ante pé e mal enxergam um palmo adiante do nariz; mas com os idealistas que, pela agudeza da visão e pela força criadora do sentimento, são os únicos capazes de plasmar o futuro. Em 1919, Clemenceau derrotou Wilson; em 1939, os fatos deram razão a Wilson contra Clemenceau. E' necessário que semelhante coisa se não repita agora. E, para tanto, preciso se faz, entre outras condições, seja planejada a paz, enquanto dura a guerra.

RAUL PILLA

21-10-43